

A FÉ QUE CIVILIZA:
Os embates entre protestantes e
católicos na imprensa cearense,
em meados de 1880

Robério Américo do Carmo Souza*

Há, portanto, uma diferença de experiência religiosa que se explica pelas diferenças de economia, cultura e organização social – numa palavra, pela história.
(Eliade, 1992, p. 22)

O Brasil do século XIX, sobretudo em sua segunda metade, e princípios da centúria atual, vivenciou um momento de grandes agitações políticas e sociais (luta contra a escravidão, campanhas contra o Império e a favor da República etc). Entre as elites econômicas e intelectuais brasileiras ganhava força, através da vulgarização da imprensa, a idéia de que é a escrita o ins-

* Mestre em História pela PUC-SP, com a dissertação "Fortaleza e a 'nova fé': a inserção do protestantismo na capital cearense (1882-1915)", sob a orientação da Profª Dra. Estefânia Fraga.

trumento de comunicação demonstrativo de uma cultura moderna e progressista. A entronização da razão como valor maior do mundo eleva a escrita à condição de instrumento primaz na divulgação de uma cultura realmente válida – racionalmente concebida – enquanto a oralidade é vista como enunciadora de uma cultura do atraso.

Esse contexto singular promoveu, entre outras coisas, uma grande efervescência na imprensa nacional que, a cada dia, amanhecia com novos nomes de jornais sendo gritados pelos gazeteiros nas ruas das maiores cidades do país. O jornal tornou-se o principal veículo de comunicação do Império àquela época. Partidos políticos, agremiações literárias, clubes civis ou militares, organizações civis de todos os tipos e também o Estado, tinham, ou almejavam ter, um periódico em que pudessem publicar suas idéias, atacar e defender-se de seus inimigos.

No Ceará houve, entre 1830 e 1917, a criação de cerca de quinhentos títulos de jornais, em sua maioria com sede na capital da Província.¹ As páginas dos periódicos constituíram-se, então, no principal instrumento de veiculação de ideologias e idéias, e em um privilegiado campo de disputas, quer entre indivíduos, quer entre grupos ou segmentos sociais rivais.

Cientes dessa crescente importância que alcançava a imprensa na cultura brasileira, e da Província cearense em especial, os missionários presbiterianos, primeiros evangelizadores protestantes a atuarem em Fortaleza, fizeram do jornal o principal instrumento de divulgação de sua fé e doutrina.

Após enfrentarem a rejeição dos periódicos mais conservadores, os missionários foram acolhidos pelo *O Libertador*, jornal vespertino, do qual tornou-se assíduo articulista o Rev. De Lacey Wardlaw, jovem pastor norte-americano, líder dos missionários presbiterianos na capital cearense.

Fundado no ano de 1881, *O Libertador* era o órgão oficial da Sociedade Cearense Libertadora, principal agremiação abolicionista da província do Ceará. Nela congregaram-se muitos dos maiores intelectuais e liberais cearenses do período, como o historiador Barão de Studart e o farmacêutico e escritor Rodolfo Teófilo.

Assumindo abertamente uma postura política liberal, caracterizada em seu nome e programa, *O Libertador* veiculava um discurso humanitário, em prol da abolição dos escravos na Província do Ceará, como deixa claro este trecho da publicação comemorativa do número 20, de 08 de dezembro de 1881:

[...] na quadra anormal que atravessamos em que só se respira o ar menphítico da política, atarefadas se acham as outras officinas, cada qual mais empenhada em encarecer os bons serviços de seus candidatos à representação nacional.

A vista disto tratamos da aquisição de um prélo próprio para publicação diária do Libertador, que se occupará da propaganda Abolicionista, dos interesses do commercio, industria e agricultura, etc.

Circulando até o ano de 1892, quando se agrega ao *Estado do Ceará* para formar *A República*, *O Libertador* obteve uma grande aceitação entre os segmentos sociais emergentes da capital cearense, tornando-se forte instrumento de oposição ao Estado monárquico e

escravagista. A grande circulação entre os segmentos descontentes com o regime, aliada ao caráter liberal, que o tornava livre da censura católica, levaram *O Libertador* a abrir suas portas para missionários presbiterianos, que dele fizeram valioso instrumento para a divulgação de sua fé e de suas idéias em Fortaleza.

O primeiro vestígio da propaganda missionária n' *O Libertador* data de 28 de julho de 1883 e traz a seguinte divulgação:

Catecismo Bíblico

Três mil Catecismos impressos na Typographia do 'Libertador', oferecidos aos pais de famílias á 200 réis cada um. Podem ser procurados na encadernação do 'Libertador' ou na casa do Rev.º Sr. De Lacy Wardlaw.

Além da propaganda sobre a venda de catecismo, encontramos também, no mesmo período, anúncios de cultos públicos e proclamas de ofícios religiosos, como estes:

Culto Público

Nos domingos as 10 da manhã e nos domingos e quartas-feiras ás 7 horas da noute, á rua do Senador Pompeu nº 59, pelo Rvd. De Lacy Wardlaw" (O Libertador, 1883, p. 3).

Proclama

Na igreja Presbiteriana á Rua Senador Pompeu nº 59, hontem (22) o Rvd. De Lacy Wardlaw, proclamou pela 3ª e última vez o casamento do Sr. Alfred Henry Moore com a Sr.ª Georgina do Espírito Santo, solteiros (O Libertador, 1883, p. 4).

A presença de anúncios como esses em um dos jornais mais importantes da capital cearense, chama-

nos a atenção menos pelos seus conteúdos que pelo fato de terem sido veiculados em plena vigência do Código Criminal do Império que, em seu artigo 276, proibia expressamente a divulgação e a celebração de ofícios religiosos, que não os do catolicismo romano. Mais intrigante ainda é saber que, ao longo de todo o seu trabalho durante o Império, os missionários, segundo se pode constatar, jamais sofreram qualquer ação cerceadora por parte de quaisquer autoridades policial ou judiciária, muito embora houvesse várias reivindicações de católicos, clérigos e leigos, para que se fizesse cumprir a lei.

A escrita missionária n' *O Libertador*, no entanto, não se resumia apenas à publicação de notas sobre vendas de folhetos de divulgação ou anúncios de celebrações de núpcias, era também espaço para publicação de sermões – que serão o alvo das análises desse artigo – como este, de 1886:

Os antigos astrônomos, seguindo a doutrina de Ptolomeu, ensinavam que nosso globo terraqueo estava fixo no centro do universo, e que todos os astros giravam em volta d' elle.

Em nossos dias são poucos ou quasi nenhum os ptolomistas em astronomia, porém são muitos em religião.

Com effeito não falta quem faça do homem o centro do seu systema religioso, revestindo-o de taes caracteres, que vem elle a ser o único deus que conhece (O Libertador, 1886).

Embora em um primeiro momento a alusão ao equívoco da tese geocêntrica de Ptolomeu possa parecer um simples artifício de retórica, sua presença em um sermão missionário presbiteriano obedece a um

desígnio bem mais relevante. Aqui, como em vários outros escritos missionários, a alusão a um fato científico ou intelectual – positivo ou, como no presente caso negativo – parece atender as necessidades de um duplo objetivo.

A difusão do pensamento positivista no Brasil fez surgir um crescente interesse pelos assuntos científicos, sobretudo estimulado pelo exemplo de seu dirigente máximo, o imperador D. Pedro II que, amante da astronomia e da tecnologia – vide sua presteza em implantar o serviço de telefonia – tornou-se um dos principais fomentadores da ciência no país. Em Fortaleza era comum a esse período encontrar, nos principais jornais da cidade, artigos sobre os progressos da ciência na Europa e nos Estados Unidos, além de uma forte militância em defesa do positivismo, encampada pelos membros da Academia Francesa - que atuava em Fortaleza como centro de divulgação das obras de luminares do pensamento francês como Taine, Littré, Burnouf e Quinet, mas, sobretudo, da filosofia de Auguste Comte. Para os membros daquela agremiação, o positivismo era a base para construção de uma civilização moderna e progressista.

Nesse contexto, demonstrar conhecimento acadêmico, ainda que óbvio, era eficiente instrumento para obtenção de prestígio e respeito junto à sociedade, ou pelo menos junto a alguns de seus segmentos, uma vez que, para a velha aristocracia, a divulgação dessas novas idéias aparecia como uma ameaça à perpetuação de seu poder. Wardlaw bem sabia disso e por várias

vezes fez uso dos conhecimentos adquiridos no curso de engenharia em sua terra natal, para impor-se socialmente como alguém a quem se deveria dar ouvidos. Nessa empresa parece ter obtido grande sucesso, uma vez que mereceu, anos depois, a seguinte descrição pelo Barão de Studart, médico e historiador, fundador do Instituto Histórico Cearense: "De Lacey Wardlaw - Bacharel em ciencias e letras. Natural do Estado do Tennessee, (E. U. da A. do Norte), onde nasceu em 1856".

Em 1882 foi mandado para o Ceará, onde desembarcou no dia 27 de setembro, na ponte da antiga Guarda Moria, sendo recebido, entre outros, pelo então capitão do porto, Antônio Severiano Nunes, e José Damião de Souza Melo, secretário da Relação do Amazonas.

Passando a exercer sua atividade de missionário evangélico, realizou o primeiro culto protestante à Praça dos Martyres, antigo hotel do Norte, de propriedade de Silvestre Rendall, sendo assim elle o primeiro ministro que teve o protestantismo no Ceará (STUDART, 1918).

Destaca-se, nas palavras do velho historiador, a menção aos atributos intelectuais do missionário, descritos antes mesmo de sua condição de propagandista da fé protestante, testemunhando o importante papel que seus conhecimentos seculares tiveram na construção da memória oficial de sua passagem pelo Ceará.

Em um segundo momento, ao comparar o geocentrismo ao egocentrismo religioso, o Rev. Wardlaw buscou estabelecer uma relação que equiparasse o conhecimento científico ao religioso. Não qualquer conhecimento religioso, mas o protestantismo em

específico, que seria exposto como a única religião coerente com os princípios de civilização e racionalidade difundidos no período.

Tais objetivos fundiam-se na intenção de atribuir ao trabalho missionário presbiteriano e à mensagem por ele divulgada, a legitimidade dos ideais do que se podia chamar de Espírito da Civilização Moderna.

Outro elemento importante na construção dessa representação do protestantismo como instrumento civilizador foi, certamente, o uso preferencial da escrita como meio de propaganda. Além de ser resultado de uma herança cultural dos puritanos fundadores dos Estados Unidos, que fizeram da alfabetização uma premissa para o fiel cumprimento da vontade de Deus, essa característica se evidenciou, também, como uma estratégia² de afirmação do trabalho missionário.

Como bem afirma Michel de Certeau, a escrita tornou-se, no ocidente contemporâneo, um princípio de hierarquização social, pois

[...] funciona como lei de uma educação organizada pela classe dominante que pode fazer da linguagem (retórica ou matemática) o seu instrumento de produção. Ainda aqui Robson esclarece uma situação: o sujeito da escritura é o senhor, e o trabalhador que usa outra ferramenta, além da linguagem: será Sexta-feira (CERTEAU, 1996, p. 230).

Disso, pode-se evidenciar que a distinção social e a busca de prestígio entre os setores letrados da sociedade aparece como um elemento primeiro da estratégia de inserção dos missionários presbiterianos na sociedade fortalezense, evidenciando a necessidade, que se

impõe ao historiador, de não tomar a linguagem como neutra ou “despolitizada”, mas pensada e concebida sob experiências sociais e históricas próprias de seu tempo e espaço, ou seja, como uma construção composta através de recursos elaborados pela experiência cultural de grupos sociais temporal e espacialmente determinados.

Outro uso importante da imprensa pelos missionários presbiterianos foi a divulgação de uma propaganda anti-católica, como no artigo Fé e Política, no qual o missionário De Lacey Wardlaw afirma:

Os puritanos fundadores dos Estados-Unidos tinham como primeiro dever a leitura e a meditação da Bíblia. Por isso, ao lançarem os lineamentos de uma cidade, invariavelmente faziam avultar no primeiro plano três edifícios: Templo, Escola e Typographia.

Os povoadores do Brazil levantavam um cruzeiro, junto ao qual missionários celebravam o culto em língua ignorada pelos fiéis, e quando o lugar tinha de ser elevado a villa, o governo mandava erguer o pelourinho, lugar de suplício infamante para os escravos e para os populares.

A reforma com seus livros em língua nacional, com seu apelo a todas as intelligencias, fez da escola o fundamento da cidade. O absolutismo theocrático, com seus livros em latim, com o monopólio da interpretação dos textos, com seu ódio à razão creou um povo analphabeto [...] (O Libertador, 01/09/1885, p. 02).

Em seus sermões, publicados quinzenalmente, o Rev. Wardlaw buscava atingir corações e mentes através da divulgação de uma mensagem de valorização da fé protestante como elemento imperativo ao desenvolvimento de uma civilização moderna e, por outro lado, pela depreciação do catolicismo, acusado de ser fonte de atraso e superstição.

No trecho antes citado, fazendo uma análise comparativa entre a colonização de sua terra natal e do Brasil, o missionário buscou demonstrar como a opção religiosa de um povo tem conseqüências diretas sobre a sociedade por esse constituída. Assim é que Wardlaw afirmou ser o puritanismo dos fundadores dos Estados Unidos a semente que fez brotar uma sociedade fundada na educação e na justiça, princípios tão estimados na civilização ocidental àquele tempo, enquanto o catolicismo romano dos portugueses, por outro lado, originou um Brasil cruel e ignorante. Pautado nessa reflexão, que se opõe diretamente à compreensão do sociólogo alemão Norbert Elias de "que a religião, a crença na onipotência punitiva ou premiada de Deus nunca teve, em si, um efeito 'civilizador'" (ELIAS, 1990, p. 198), atestava que somente a troca do catolicismo pelo protestantismo poderia trazer ao povo brasileiro os substratos espiritual e cultural necessários à inserção do Brasil na moderna civilização.

Respaldado pelo "elevado índice de civilização" do seu lugar de origem, o missionário procurara relacionar civilização, modernidade, liberalismo (político e econômico) com a religião protestante. Por outro lado, insistia em identificar o catolicismo com o mundo pré-moderno, com atraso, ou seja, apropriando-se da metáfora iluminista, o protestantismo aparecia como sendo a LUZ e o catolicismo, as TREVAS.

Essa idéia de que a religião seria a causa de tudo na vida do homem, faz-se presente ainda nos artigos escritos pelos missionários para seus compatriotas:

Quatro ou cinco anos atrás, uma jovem de nossa congregação estava para nos deixar [...]. Sua velha avó, que em sua pobre vida ocupou o lugar de mãe para a garota, irrompeu em gritos altos e inconsoláveis soluços. Eu a lembrei que Firmina poderia ainda estar consciente, e tal explosão poderia perturbar seu espírito moribundo. 'O que há com você?', ela bradou. 'Eu preciso ajudar minha criança a morrer', e ela explicou seus gritos de desabafo. 'Minha criança está indo', ela berrou (literalmente, que era o fim). 'Oh, horrível morte!'

Depois de Firmina dar seu último suspiro, todos os vizinhos amontoaram-se para vê-la; [...] Uma garota jovem, depois de permanecer fria em frente a ela, me deixou pasma ao falar alto para a morta abruptamente e mandando, 'Feche seus olhos Firmina!' Uma velha senhora, que observava, vendo que eu estava chocada me explicou: 'Quem acabou de morrer fará tudo o que você disser para ele, se você chamá-lo pelo nome e falar de um modo natural' Considerando as circunstâncias, eu pensei que nunca havia visto nada menos natural.

[...] Num feliz contraste com esses costumes pessimistas sombrias superstições, me vem à memória a imagem de pacatos leitos de morte, onde os que estão ao redor, controlando sua dor, em consideração ao moribundo, repetem passagens confortantes da Escritura ou preces oferecidas, no entanto silenciando os lábios mais cedo. Eloqüentes com a prece a Ele, mas sucintos a adorá-lo na 'nova canção' (WARDLAW, 1883, p. 427-428).

Parte integrante da revista *The Missionary*, esse trecho do artigo *Woman's work for women. Some brazilians customs*, escrito pela Sr^a. Mary H. Wardlaw, remete-nos novamente à idéia de como a opção religiosa governa a ação humana, produzindo práticas positivas ou negativas.

Descrevendo os últimos momentos de vida da jovem Firmina, a esposa do Rev. Wardlaw centrou suas atenções nas atitudes daquelas que velam a garota. A missionária buscou demonstrar como a formação mo-

ral-religiosa dentro da doutrina católica conduzia a atitudes supersticiosas e negativas, levando mesmo a ações que se contrapõem à natureza humana – “eu pensei que nunca havia visto nada menos natural”.

O estranhamento e a preocupação da Sr^a. Mary Wardlaw diante da atitude de desespero da avó com o falecimento da neta afirma-se na negação, característica da ascese protestante, do suplício como uma compensação da dor. Tal preceito torna-se evidente quando, ao buscar em sua memória lembranças de uma maneira mais positiva e natural de vivenciar a morte, opõe o pranto da avó de Firmina à atitude pacata, de controle e de resignação dos fiéis presbiterianos. Nesse momento, a missionária ressaltou uma outra importante característica da doutrina protestante, especialmente em sua conformação presbiteriana: a ênfase na moral em oposição à espiritualidade.

Em verdade, mais que um simples estranhamento, o que nesse texto se percebe é o choque entre duas diferentes culturas, em suas relações com a morte. A primeira, católica – apresentada como negativa e sombria – encara a morte com horror e emoção, resultado de uma doutrina na qual o alcance da redenção após a morte depende do rígido cumprimento dos rituais e regras da Igreja, o que cultivava nos fiéis uma incerteza do que se irá enfrentar no Além: se o paraíso, o inferno, ou ainda o meio termo do purgatório.

A segunda, protestante de matriz calvinista, supõe um comportamento de controle e resignação, por vezes de exaltação. Esse posicionamento se dá pela crença da salvação pela fé e por ela apenas, que permite ao

fiel cultivar uma inabalável certeza de que encontrará, no Além, um lugar de descanso e de reencontro com seus irmãos de fé. Certeza que fazem questão de reafirmar a todo instante em que a morte lhes surpreende, como no caso do falecimento da missionária Caroline Canninghan, vítima de varíola, quando desempenhava suas atividades na Missão Presbiteriana em Fortaleza, no ano de 1891. Em sua lápide figura o seguinte epitáfio: "Então eu ouvi a uma voz no Céu que me dizia: escreve. "Bemaventurados os mortos que morreram no Senhor, diz o espírito que descançam de seus trabalhos" (Apocalypse 14:13). A escolha desse trecho bíblico, sobre o descanso dos justos, evidencia bem a idéia de triunfo da fé, de convicção na recompensa divina ao fim da vida. É essa convicção que faz com que, enquanto para os católicos³ a morte seja um acontecimento trágico, os presbiterianos possam encará-la como uma etapa natural da vida humana, que não deve ser obstáculo à condução reta, digna e natural dos vivos. Em outras palavras, dentro do processo de secularização da sociedade, que empreenderam desde o século XIX, os protestantes realizaram uma racionalização do morrer, que Philippe Ariès (1990) sagazmente chamou de "a morte domada"⁴.

Assim como no artigo de seu esposo, o foco central do texto da Sr^a. Wardlaw é apresentar as debilidades da religiosidade católica, geradora de *costumes pessimistas*, *sombrias superstições* e afirmar a opção pela fé protestante como o mais eficiente instrumento para conduzir à civilização dos costumes.

A partir desses dois fragmentos do pensamento missionário presbiteriano, pode-se inferir que, para além de pregar uma nova doutrina cristã, buscava-se a divulgação de um outro modelo de conduta individual e de organização social, que tinha como eixo central o tripé religião-moralidade-educação que, acreditavam os missionários, cumpria um papel normativo e civilizador. Desse modo, a falta de uma fundamentação racional tornou-se uma das principais críticas levantadas pelos missionários presbiterianos contra a doutrina da Igreja Católica, como neste folheto divulgado em Fortaleza, em 1883:

Mas não sendo infelizmente esta doutrina e pratica geralmente seguida pela Egreja Romana, eu passo a discutir e a provar a seguinte these - O CULTO RELIGIOSO DOS SANTOS NÃO É RACIONAL - : nutrindo a esperança de que os leitores hão de concordar comigo e S. Revm^a, em que somente é racional a simples veneração dos sanctos, isto é, a que é igual a de um homem que venera outro, ainda que seja em maior grão (WARDLAW, 1883).

Intitulado *O Culto dos Sanctos. Resposta ao Revd. Sr. Padre Constantino G. de Mattos*, esse folheto foi escrito como resposta às acusações do P. Constantino. Também através de folheto, o P. Constantino afirmara que, ao negar o culto aos santos, os missionários presbiterianos estariam incorrendo em abominável heresia.

Afirmando a ausência de racionalidade como elemento central de sua condenação à prática católica de cultuar os santos, Wardlaw (1883) retoma a tese de uma inadequação da fé católica à civilização moderna, da qual a crença nas infinitas possibilidades da razão hu-

mana é elemento fundante. Aqui, como em vários outros escritos seus, o missionário busca enaltecer a positividade da fé que divulga pela depreciação dos valores do catolicismo.

Mais que reproduzir uma argumentação, muito característica do discurso protestante acerca do catolicismo, tratar as diferenças de doutrina como desigualdade de adequação ao mundo civilizado se constituía em estratégia para afirmar uma idéia de superioridade do protestantismo, dentro de uma hierarquização que toma como medida meritória a racionalidade das práticas propostas por cada doutrina. Em vários momentos os rituais da Igreja Católica são recorrentemente apresentados como atos de ignorância, como no trecho abaixo, extraído d' *As Notas Religiosas pelo Revd. De Lacey Wardlaw*, coluna semanal publicada n' *O Libertador* de 1884 a 1888:

O culto de Maria é mais symphatico para os espiritos estupidos e ignorantes que o culto que se presta a Deus, e para os menos inteligentes tem um certo encanto e poesia (O Libertador, 08/05/1886, p. 4).

Tal artifício de propaganda foi sem dúvida o centro em torno do qual gravitavam todos os demais elementos da escrita missionária presbiteriana nas páginas d' *O Libertador*. Mas, e a Igreja Católica, que pensava e o que fez diante dos agudos ataques dos "hereges luteranos"?

A princípio indiferente, a Igreja Católica parecia não acreditar que as atividades missionárias

presbiterianas em Fortaleza, inicialmente restritas a pregações públicas e distribuição de panfletos evangelísticos, pudessem, de alguma forma, ameaçá-la.

Confiante na força de uma tradição secular em que figurava como a única e verdadeira igreja de Jesus Cristo, ou em sua aliança com o Estado, que lhe garantia o privilégio de religião oficial do Império Brasileiro, o certo é que a Igreja Católica sentia-se segura e, durante os nove primeiros meses da presença missionária presbiteriana em Fortaleza, parecia alheia às atividades dos "proselitistas luteranos".

A postura do clero fortalezense, no entanto, veio a alterar-se radicalmente quando surgiram as primeiras publicações missionárias n' *O Libertador*. Cientes de que o uso do jornal ampliaria consideravelmente o alcance da mensagem presbiteriana na cidade, a Igreja Católica não tardou em lançar o que aqui se chamará sua contrapropaganda. O primeiro registro dessa contra-ofensiva foi o artigo *Propaganda Protestante*, publicado também n' *O Libertador*, dividido em duas partes. A seguir, encontra-se reproduzido um trecho da primeira parte.

A bella e importante capital do Ceará que ainda apouco elevou-se tão alto no conceito de todas suas irmãs pelo seu heroico feito de 24 de maio, rebaixa-se agora ás seus proprios olhos consentindo em seu seio uma propaganda indecente, insultuosa e conspurcadora de seus sentimentos religiosos.

Nada tinhamos que dizer contra o Sr. Lacy, e seus sequazes, si S. S.^a se contentasse com fazer sua propaganda sem transgredir as leis do paiz, que apenas o toleram, e as leis do decoro, pelas quais se devem

reger todos os homens civilizados. Assim porem não tem acontecido. Os Sr. Protestantes estão se excedendo. Já não se contentam com espalhar pamphletos: bem sabem que o publico sensato os condena ao desprezo, que merecem. Lançam mão de outros meios, de todos os meios, que lhes sugere o seu fanatismo propagandista, - meios impróprios de homens que se presam, meios indecentes ignobeis. [...] Consta-nos também que o Sr. Ministro protestante tem levado o seu fanatismo até o ponto de rebaptizar os infelizes, que tem conseguido angariar para sua seita! (O Libertador, 1883, p. 2).

No trecho acima, o leitor atento certamente observou uma divisão do texto em três momentos distintos, porém, complementares.

No primeiro, correspondente ao primeiro parágrafo, o autor tenta conquistar a simpatia do leitor, em sua grande maioria abolicionistas, enfatizando a abolição dos escravos em Fortaleza, ocorrida em 24 de maio de 1883, como o feito maior da história da jovem capital.

O segundo posiciona o autor e a Igreja Católica na condição de vítimas, que apenas reagem ao ataque sofrido, e reagem não apenas em defesa de seus interesses, mas também em prol das *leis do decoro e dos homens civilizados*.

O terceiro momento, referente aos dois últimos parágrafos, caracteriza os agressores, os protestantes, como *fanáticos e ignobeis*.

Fosse o texto sobre católicos e não sobre protestantes, sua autoria bem poderia ser atribuída a um missionário protestante. Nele o leitor pode, claramente, identificar o mesmo eixo argumentativo da crítica presbiteriana ao catolicismo: civilização x barbárie. Seu autor, no entanto, é Constantino G. de Mattos, padre

católico que se notabilizou pelo combate ao protestantismo em Fortaleza, no final do século XIX.

Assim, o texto evidencia a compreensão do clero católico de que a força da propaganda presbiteriana estava na divulgação do protestantismo como a fonte maior dos ideais de civilização e progresso. Essa percepção levou a Igreja Católica a centrar sua contrapropaganda na negação da "nova fé" como prática civilizada, fazendo, para tanto, uma apropriação da forma e do conteúdo discursivo da mensagem missionária presbiteriana, invertendo, certamente, os sinais de positivo e negativo, como nesta nota de 1884:

A Igreja e a civilização

Durante dezoito séculos, escreve Cesar Cantú, não tem havido progresso social algum que não haja tido por movel a Igreja Catholica, a qual tomou parte em todas as revoluções, já como inimiga do que tinham de funestas, já como auxiliar no que tendia a melhorar as condições da humanidade (O Libertador, 1884, p. 3).

No esforço de comprovar seu papel civilizador, e negar tal possibilidade ao protestantismo, a Igreja Católica freqüentemente lançou mão do artifício de publicar artigos e notas que demonstrassem a expansão e força do catolicismo em países de maioria protestante, como a Inglaterra e o próprio Estados Unidos, país de origem dos missionários que atuavam em Fortaleza. Em nota d'*O Libertador* de 12 de maio de 1884, tal expediente aparece com clareza. Entitulada *Por baixo o protestantismo*, a nota diz:

Escrevem de Londres que em virtude da (sic) ultimas reformas de etiqueta da côrte ingleza, o Cardeal de Manning terá, nas

cerimônias, precedencia a todos os príncipes da casa real, excepto somente o príncipe de Galles.

Isto diz muito num paiz onde o padre catholico era violentamente perseguido pelo proprio governo e a sua religião votada ao maior desprezo e odio. Prova, pois, a importancia summa que mantém naquele grandiozo paiz os ministros de nossa augusta religião. E os pastores protestantes, onde são collocados?

Em outro artigo, chamado Catolicismo nos Estados Unidos, no qual o pe. Constantino dizia reproduzir um relatório elaborado por um pesquisador norte-americano, protestante, que em seus estudos sobre Nova York havia atestado as maravilhosas benesses que a Igreja Católica ali havia realizado, sobretudo para o avanço da educação, e termina dizendo: "estão satisfeitos os merlos protestantes? Mandem o seu padre casado para os Estados Unidos (O Libertador, 1883, p. 03).

A tônica dos dois artigos, e que nesse trecho último se faz mais contundente, é que, se Fortaleza buscava nas sociedades norte-americana e inglesa os exemplos para constituir-se como uma civilização moderna, ela em nada necessitava mudar suas crenças e práticas religiosas, pois mesmo os Estados Unidos, país de maioria protestante, já reconhecera a importância das ações católicas para a formação de uma cultura sólida e progressista. Dessa forma, os católicos buscavam destruir o elemento mais forte da propaganda protestante, a negação da cultura católica como instrumento civilizador da sociedade.

Partindo dessa interpretação, torna-se possível estabelecer o que se pode chamar de "fio condutor" da disputa entre o clero católico e os missionários presbiterianos, qual seja, estabelecer qual das duas interpretações do cristianismo melhor se adequava aos princípios de civilização e modernidade, como eles eram entendidos na segunda metade século XIX.

Dessa conclusão aflora uma nova e importante pergunta: por que tanta preocupação, de sacerdotes presbiterianos e católicos em construir tal imagem para suas religiões? Talvez uma breve reflexão sobre a sociedade fortalezense daquele período ajude a melhor entender tal tendência comum, entre práticas religiosas tão distintas.

Fortaleza, na segunda metade do século XIX, dava os primeiros passos em sua inserção no mundo capitalista, vivenciando um momento de crescimento econômico, político e cultural não vistos até então.

As razões desse desenvolvimento, que tornaram a capital cearense num dos principais centros das Províncias do norte brasileiro, explicam-se, por um lado, pela expansão do comércio de importação e exportação, motivada pela economia agroexportadora, com destaque para o algodão; e pela construção de vias férreas para o escoamento rápido e seguro da produção. Além disso, pode-se destacar que

as melhorias que se seguiram em seu porto, a implantação da estrada de ferro Fortaleza-Baturité (1873) e a multiplicação de firmas estrangeiras concorreram para o crescimento comercial e para a constituição da cidade enquanto mercado de trabalho urbano. Paralelamente, os segmentos sociais ligados ao comércio se reforçaram, ampliando seu poderio econômico e angariando prestígio político (PONTE, 1993, p. 08).

Por outro lado, a existência de clubes políticos, associações literárias e sociedades culturais, contribuiu na formação de uma intelectualidade fortalezense influenciada pelos pensamentos positivista e liberal, di-

vulgados por importantes centros como a Academia Francesa e a Sociedade Cearense Libertadora.

No início da década de 1860, acentuou-se a inserção da província do Ceará no cenário econômico do Império. Nesse contexto, a cidade de Fortaleza representava, graças ao crescimento da cotonicultura, alavancado pela abertura do mercado internacional, durante o período da Guerra de Secessão nos EUA, um destacado centro da economia nacional,⁵ assim como constituía-se em profícuo espaço de divulgação dos ideais republicanos, presentes na história da cidade desde os movimentos de 1817 e 1824, contribuindo para a formação da imagem de um país apto a participar do mundo civilizado.

As transformações inovadoras que gradualmente modificavam o cenário da recatada cidade, como a implantação de um novo traçado urbanístico inspirado nas reformas hausmanianas em Paris, campanhas de higienização e vacinação pública, criação e ampliação de órgãos da estrutura burocrática do Estado, entre outros, demonstravam estar a capital da Província disposta a introduzir mudanças em seu seio que a levassem a ser caracterizada como uma sociedade que crescia econômica e culturalmente.

Além desse, outros aspectos peculiares às sociedades em crescimento se manifestaram, e podem ser facilmente deduzidos de suas características essenciais, como o aumento da mobilidade social, profissional e geográfica, que se tornou visível a partir de meados dos anos 60 do século passado, favorecendo uma definição

estrutural que respondia à especialização das funções individuais.

No conjunto das várias transformações da sociedade fortalezense, destaca-se ainda, a exemplo do que ocorria em todo o país, a sedimentação e ampliação, sobretudo a partir da década de 1880, de um segmento social formado por profissionais liberais, pequenos comerciantes, literatos e políticos, que defendia um pensamento liberal individualista, que passaria a lutar com a aristocracia por espaço na vida política da cidade.

Genericamente denominados como “classe média em formação”, esses novos segmentos sociais urbanos incorporavam os valores do capitalismo moderno e almejavam construir um novo *ethos* fundado no que se pode chamar de *espírito da civilização moderna*, o qual se funda em cinco pontos principais: o desejo de secularização progressiva da sociedade, a compreensão do progresso científico como maior e melhor feito do homem, a confiança na capacidade de realização do indivíduo, a separação entre Igreja e o Estado e uma concepção evolucionista de sociedade.

Entrementes, esse movimento de “civilização” e “modernização”, assim como qualquer ação de transformação social, não se fez de forma linear, nem absoluta, e muito menos sob ausência de conflitos.

Quando a música parava, um realejo fanhoso, no som do qual rodavam cavalinhos de pau, em um dos ângulos do jardim, gemia, num tom dolente e irritante, o trovador atordoando os ouvidos delicados do Zuza que achava aquilo simplesmente insuportável e medonho

¾ 'como é que se consentia semelhante importunação em uma

capital que tinha foros de civilizada? Oh! Pernambuco, o italiano que lembra-se de tocar realejo à porta d'uma república era imediatamente punido a batatas e a cascas de laranja. Estava muito atrasadinho o Ceará! (CAMINHA, 1997, p. 89).

No trecho acima citado percebemos toda a indignação da personagem Zuza, herói do romance *A Normalista*, com o gosto musical pouco “civilizado” demonstrado pelos fortalezenses, ao permitirem que se tocasse música de realejo no jardim do Passeio Público, espaço consagrado aos *meetings* das elites econômica e intelectual da cidade. Escrito em 1893 pelo *padeiro*⁶ e militar Adolfo Caminha, o romance reflete a inquietação da intelectualidade local – personificada na figura do jovem acadêmico de direito Zuza – diante do *ritmo cadenciado e monótono* (CAMINHA, 1997) com que a cidade se modernizava.

Este certo desânimo dos intelectuais fortalezenses reafirma-se na descrição de uma Fortaleza pobre, com paisagem de “casebres anti-higiênicos”, feita por Rodolfo Teófilo em sua obra *Variola e Vacinação*, de 1904. Nela, o higienista relata não apenas o alastramento da varíola e seu combate, mas também o analfabetismo dos moradores – que toma como fundamento para a “ignorância” por eles alimentada – assim como a configuração de um mundo periférico, distante da agitação do centro, onde se vivenciava um cotidiano mais característico do meio rural. Nesse espaço, ao que parece, concentrava-se a grande maioria da população da capital. Pautados nesses, e em outros dados, é que um grupo de historiadores cearenses, no qual me incluo, tem afirmado a necessidade de se questionar a amplitude das trans-

formações sociais e urbanas ocorridas durante o período conhecido como *belle époque*.

Fortaleza, em fins do século XIX, era, então, uma cidade em que conviviam, conflituosamente, duas situações distintas: por um lado a pobreza e o "atraso" dos bairros periféricos, com uma população formada, em grande parte, por sertanejos que migravam fugindo do flagelo das secas; por outro, impulsionada pelo crescimento econômico, vicejava a Fortaleza rica, em que os ideais de modernização e civilidade impulsionaram o nascimento de uma grande obra de urbanização e aformoseamento do centro, espaço de efervescente cultura intelectual, alimentada pelas várias agremiações literárias e clubes políticos da época.

Muito embora numericamente inferiores aos segmentos proletarizados da cidade, o que se percebe é que o último quartel do século XIX marca o surgimento, em Fortaleza, dos setores médios urbanos como a nova força política e cultural da Província do Ceará, na disputa pelos espaços de poder.

Para alcançar seus objetivos, os setores médios sabiam que, mais que lutar pelo poder, era preciso romper, demolir, a estrutura profundamente hierarquizada que configurava a sociedade imperial, promovendo uma organização social mais fluída, de bases liberais. Com este intuito, passaram a atacar as instituições basilares da sociedade aristocrática, entre elas a Igreja Católica que, através de uma legitimação religiosa, garantia um caráter inexorável à sociedade vigente. Dessa forma, a luta em prol de uma sociedade moderna,

liberal e desacralizada, por vezes, militou contra princípios do catolicismo romano, fazendo surgir uma insatisfação com a conformação “tradicional” e “arcaica” da então religião oficial do Estado.

Cientes dessa força crescente do pensamento liberal, os missionários presbiterianos concentravam seus esforços de propaganda entre os segmentos descontentes, acreditando estar a janelas para conquistar, não apenas a cidade, mas toda a Província.

O grande trunfo dos missionários da “nova fé” era, então, o estágio avançado de civilização dos povos protestantes, em especial, os norte-americanos, por quem crescia o interesse dos brasileiros, sobretudo dos liberais e republicanos, como Adolfo Caminha, que assim escreveu em sua crônica de viagem à América do Norte em 1888:

O autor destas simples notas de viagem, que admira os Estados Unidos como uma segunda Pátria, porque ali moram juntas todas as liberdades e florescem prodigiosamente todas as nobres idéias civilizadas, de braços cruzados estendia o olhar cheio de admiração, cheio de deslumbramento por cima das extensas planícies do grande rio (CAMINHA, 1984, p. 132).

Com base nesta forte admiração, os missionários presbiterianos alardeavam em seus artigos as virtudes de sua terra natal. Discutiam educação, liberdade e progresso, entre outros temas, como forma de atestar o papel civilizador do protestantismo e apresentá-lo como a verdadeira resposta aos anseios de transformação social dos setores médios da sociedade local.

Contrariamente aos missionários, o clero católico manteve, em princípio, uma postura de descrédito, com respeito a importância dos “descontentes” na correlação de forças da sociedade cearense. Tal posicionamento, no entanto, não demorou muito para se alterar.

Em 24 de maio de 1883 foram abolidos todos os escravos em Fortaleza, por meio de compromisso firmado entre abolicionistas e proprietários de escravos da capital. A luta contra a escravidão era uma das principais bandeiras dos setores médios urbanos na busca de minar as estruturas da sociedade aristocrática, para tanto haviam fundado dois anos antes a Sociedade Cearense Libertadora (SCL), que tornou-se a mais influente confraria da capital cearense de então.

Esse acontecimento fortaleceu o movimento abolicionista em toda a Província. A SCL passou a contar com um contingente de adeptos muito superior às ambições do mais entusiasta de seus fundadores. Essa situação trouxe imenso desconforto para Igreja Católica pois, aliada do Império, manteve-se todo o tempo favorável ao regime escravagista por este mantido. A não participação do clero na campanha abolicionista deu novo fôlego aos críticos da Igreja. Multiplicavam-se os artigos na imprensa com denúncias contra a Igreja Católica e pedindo sua separação do Estado.

Um dos artigos mais contundentes saiu no jornal *O Cearense*, de 22 de julho de 1883. Nele, o farmacêutico e escritor Rodolfo Teófilo atribuía a negligência do Governo Provincial com a educação dos mais carentes à ingerência do clero católico, a quem acusava de pro-

mover obscurantismo, negando o valor dos progressos da ciência. Segundo Teófilo, alijados dos conhecimentos mais elementares de leitura e escrita, os populares ficavam impossibilitados de ocupar os novos postos de trabalho surgidos com o crescimento da cidade, em especial no setor público que, para atender a novas demandas da cidade, ampliava antigos serviços e criava outros.

Aturdida pela rápida e inesperada vitória do movimento ao qual recusara apoio, e pressionada por católicos importantes (como o médico e historiador Barão Guilherme de Studart) que haviam abraçado a causa abolicionista, a Igreja Católica não mais pôde sustentar seu apoio à escravidão. Para dirimir as hostilidades, tornou-se imperativo mostrar que o catolicismo, embora irmanado a um Estado escravagista, em nada era contrário ao direito natural de liberdade de todos os homens.

Obrigada a reconhecer os setores médios urbanos como uma nova força política estabelecida na sociedade local, a Igreja Católica passou, então, a estabelecer com eles uma aliança, que lhes permita manter sua hegemonia religiosa e poder político.

Assim, partindo dessa interpretação, é possível afirmar que o enveredar dos embates entre o clero católico e os missionários presbiterianos para uma disputa sobre que interpretação do cristianismo, católica ou protestante, melhor se adequava aos princípios de civilização moderna, como lhe definia o pensamento liberal do século XIX, tinha por objetivo conquistar o apoio

da emergente força política da sociedade local. Os primeiros o faziam num esforço para perpetuar a condição de religião hegemônica, que mantinha já há mais de três séculos, os segundos vislumbravam ali o elo fraco da corrente da cultura cearense, profundamente atrelada aos princípios do catolicismo romano, através do qual poderiam conquistar um lugar para divulgação do protestantismo no Ceará.

Disso, fica a lição da epígrafe que abre este artigo: compreender as experiências de uma sociedade, sejam elas religiosas, políticas, literárias etc, significa, necessariamente, investigar amplamente sua história.

Notas

1. Sobre este assunto, ver STUDART (1918).
2. O termo *estratégia* é aqui utilizado como o define Michel de Certeau: "chamo *estratégia* o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A *estratégia* postula um lugar suscetível a ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se pode gerir as relações com *uma exterioridade de alvos ou ameaças*" (CERTEAU, 1996, p. 99).
3. Deve-se ressaltar que, aqui, como em todo o artigo, trata-se de aspectos das culturas católicas e protestantes no período de fins do século XIX e princípio do XX, que certamente em vários aspectos diferem do que hoje se verifica.
4. Ver ARIÈS (1990).
5. A este respeito, ver LEMENHE (1991).
6. Denominação adotada pelos membros da *Padaria Espiritual*, uma das principais agremiações literárias de Fortaleza na segunda metade do século XIX.

Referências

- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. V. II. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- BASTIAN, Jean-Pierre. *Protestantismos y modernidad latinoamericana*. História de unas minorias activas en América Latina. México DF: Fondo de Cultura Économica, 1994.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- CAMINHA, Adolfo. *A normalista*. Fortaleza: Verdes Mares, 1997.
- _____. *No país dos ianques*. Fortaleza: EdUFC, 1984.
- CAMPOS, Eduardo. *Capítulos de história de Fortaleza no século XIX*. Fortaleza: EdUFC, 1985.
- CARDOSO, Gleudson Passos. *A República das letras cearenses*. Literatura, imprensa e política (1873-1904). (Dissertação de Mestrado). São Paulo/PUC, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *Artes de fazer: a invenção do cotidiano*. 2º ed., Petrópolis: Vozes, 1996.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador vol. I: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- LEMENHE, Auxiliadora. *As razões de uma cidade: Fortaleza em questão*. Fortaleza: Stylos comunicação, 1991.
- PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf, 1993.

STUDART, Guilherme. Estrangeiros e Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*, XXXII, 1918.

_____. *História do jornalismo cearense*. Fortaleza: [s.n.:s.d.].

WARDLAW, De Lacey. *O culto aos santos*. Resposta ao Revd. Sr. Padre Constantino G. de Mattos. Fortaleza: Typographia do Libertador, 1883.

WARDLAW, Mary H. *The Missionary*. Woman's work for women. Some brasilian customs. [S.l.:s.n.], 1883.